

**Carnaval em Porto Alegre: lugares e condições femininas**

Caroline Leal<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho abordará aspectos sobre as condições femininas no carnaval de Porto Alegre a partir da década de 70 do século XIX. Apresentará a análise de um artigo, retirado do jornal *A Reforma*, do dia 15 de fevereiro de 1871, que fala a respeito do comportamento da ex-marquesa de Monte Alegre durante os festejos carnavalescos. Insere-se na minha pesquisa, desenvolvida para o mestrado do Programa da Pós-Graduação em História da PUCRS, sob a orientação da Profa. Dra. Margaret Bakos, sobre as mulheres e o carnaval de Porto Alegre, entre os anos de 1870 e 1914.

**Palavras-chave:** festa, carnaval, mulheres

**Abstract:** The present work will approach aspects on the feminine conditions in the carnival of Porto Alegre from the decade of 70 of century XIX. It will present the analysis of an article, removed of the periodical *A Reforma*, on February, 15 of 1871, that it speaks regarding the behavior of the ex-marchioness of Monte Alegre during of the carnival feast. It is inserted in my research, developed for the master one the Program of After-Graduation in History of the PUCRS, under the orientation of the Profa. Dra. Margaret Bakos, about women and the carnival of Porto Alegre, enters the years of 1870 and 1914.

**Keywords:** party, carnival, women.

Porto Alegre, início da década de 70 do século XIX, jovens rapazes das “boas famílias” porto-alegrense resolvem conferir um significado diferente ao carnaval, ou melhor, instituir o “verdadeiro carnaval”, ou seja, o carnaval das sociedades carnavalescas, da elite, em contraposição ao entrudo, brincadeira que passara a ser considerada agressiva, grosseira e não condizente à cidade que Porto Alegre deveria ser.

Apesar de ter feito sucesso, a nova festa não conseguiu eliminar o costume de entrar dos hábitos e das preferências dos moradores da capital da província -especialmente entre as mulheres - retornando após alguns anos da instauração do “verdadeiro carnaval”, coexistindo com ele e, até mesmo, permanecendo após a falência das sociedades carnavalescas.

O entrudo era uma brincadeira de origem ibérica, trazida para cá pelos portugueses, consistia em se atirar limões-de-cheiro (esferas de cera que se pareciam com

---

<sup>1</sup> Mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/CNPq.

limões e continham água) uns nos outros. Eduardo de Faria, no *Novo dicionário de língua portuguesa*, de 1861, define:

*Entrudo, s. m. (intróito de quaresma) os três dias que precedem a quaresma ou quadragésima, durante os quais é uso em alguns países divertir-se o povo banquetecendo-se, molhando-se uns aos outros, empoando-se e fazendo outras peças jocosas; carnaval. Dia de entrudo, a terça-feira que precede à quarta-feira de cinza, primeiro dia da quaresma. Jogar o entrudo, entrar. Passar o entrudo, botar o entrudo fora, divertir-se, banquetear-se; comer lautamente carne antes da quaresma. Ter o entrudo fora com alguém, divertir-se com essa pessoa por ocasião do entrudo. O nosso entrudo corresponde e é uma imitação das Saturnais da antiga Roma (FLORES, 1999:149).*

Segundo Flores, em um artigo sobre a história do carnaval no Brasil, “o entrudo era uma verdadeira batalha para molhar alguém com água jogada de balde, bacia ou seringa, com arremesso de limão de cheiro”( FLORES, 1999:152). Nessa brincadeira “homens e mulheres se empenhavam em loucas correrias e agarramentos, jogando água. Era um salve-se quem puder!”( FLORES, 1999:152).

Todavia, em 1837, o entrudo foi proibido pelo Conselho Geral, tendo sido estipuladas multas para quem desobedecesse. Mas, apesar disso, ele continuava existindo. A partir da segunda metade do século XIX, o medo das epidemias de cólera fez com que a popularidade do jogo baixasse. Entretanto, fora, segundo o jornal *A Reforma*, reintroduzido por uma mulher do alto escalão da sociedade. Vejamos a citação:

*Alguns anos havia que este jogo bárbaro caíra em desuso, quando a célebre ex-marquesa de Monte Alegre, mulher do atual Sátrapa de São Paulo, que já foi desta Satrapia do Rio Grande, o pôs novamente em moda. Que esta renovação do passado fosse obra da ex-marquesa nada há que admirar, pois é muito conhecida pelo seu ardente temperamento e extraordinário calor; Não é, porém digno das humanas filhas do Rio Grande, num tempo em que o tifo, a febre e a tísica dizimam a população, ensopar d'água os que transitam nas ruas banhados em suor (FERREIRA, 1970:31).*

No trecho acima se percebe não só o descontentamento por parte do jornal com o retorno do velho costume, mas também o ataque dele à conduta e moral da ex-marquesa, de quem tal comportamento podia-se esperar por causa de “seu ardente temperamento e extraordinário calor”.

A ex-marquesa de Monte Alegre<sup>2</sup>, mulher do ex-presidente da Província, , Antônio da Costa Pinto e Silva<sup>3</sup>, era uma mulher vinda de fora, de São Paulo, logo com um comportamento que não era, para o jornal, condizente com o das filhas do Rio Grande.

<sup>2</sup> Não conseguimos, até o momento, descobrir de fato o nome da ex-marquesa de Monte Alegre. Acreditamos ser ela Maria Isabel de Souza Alvim, a segunda esposa do Marquês de Monte Alegre, José da Costa Carvalho, que morreu em 1860, tendo ela casado novamente com Antonio da Costa Silva e Pinto.

<sup>3</sup> Exerceu mandato de 16/09/1968 a 20/05/1869. Apud: AITA, Carmem (org.). *Parlamentares Gaúchos das Cortes de Lisboa aos nossos dias: 1821-1996*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1996.

Essas deveriam ser moças recatadas, elegantes e sofisticadas, não se deixando levar por esse bárbaro jogo e sem seguir o exemplo da ex-marquesa. Denota-se também aí, como reforça Lazzari, a intenção, por parte do periódico, em “apresentar a volta do vício como trazido de fora” (LAZZARI, 2001: 65).

A saúde era outro elemento para qual apelavam na tentativa de abolir essa prática dos costumes da cidade. A tifo, a tísica, e a febre eram lembradas com o intuito de desanimar e amedrontar os foliões. Nota-se que Porto Alegre, em fins do século XIX, vai passar por uma higienização, tanto moral quanto física.

Cláudia Mauch, ao pesquisar dois jornais porto-alegrenses (Gazeta da Tarde e Gazetinha) do final do século XIX, afirma que com grande frequência, os termos desordem e imoralidade, apareciam em suas páginas. Segundo ela,

*Para esses jornais, não eram considerados perigosos apenas as meretrizes, gatunos, vadios e desordeiros, mas todos os habitantes das zonas mais pobres da capital que não se enquadravam no modelo de ‘bom trabalhador’ e que viviam em ambientes físicos e moralmente degenerados, constituindo então a ‘escória’ ou a ‘parte ruim da sociedade’. A periculosidade dessas pessoas foi construída a partir da identificação da sua aparência física, do seu comportamento desregrado, do seu tipo de trabalho e local de moradia”(MAUCH,1994:9).*

Segundo esses jornais da capital, “a polícia deveria impedir que a ‘parte ruim’ da sociedade contagiasse a ‘parte sã’, proibindo a circulação de turbulentos e prostitutas em locais freqüentados por famílias [...]” (MAUCH, 1994:12). Em suas campanhas de saneamento moral, ambos jornais acabavam generalizando “os adjetivos de desordeiros e imorais para todos os habitantes de zonas pobres de Porto Alegre. Pode-se dizer que lá onde existia diversidade e um modo de vida diferente do das elites, os jornais enxergavam o espaço das ‘classes perigosas’” (MAUCH, 1994:14). Podemos sugerir, portanto, que a introdução desse novo carnaval, do carnaval das elites, tenha sido também, um primeiro passo nessa tentativa de saneamento físico e moral da cidade de Porto Alegre.

Outro componente interessante desse excerto é o fato do colunista ter chamado o presidente da Província de Sátrapa. Isso, além de mostrar sua erudição denota outros elementos significativos para a cidade e, por conseguinte para esse trabalho. Segundo Lazzari, o jornal *A Reforma*, vinculado ao Partido Liberal, chamava o ex-presidente provincial de Sátrapa – governadores das províncias do Império Persa – com o intuito de designar o governo como despótico e centralizador, como se aqueles também representassem um governo assim. Isso porque o Imperador, desde 1868, “mantinha o Partido Conservador no controle dos Ministérios e dos governos provinciais, tendo os governadores nomeados sofrido intensa oposição dos liberais gaúchos”(LAZZARI, 2001: 65). Para esse trabalho,

contudo, o interessante é o colunista ter utilizado um termo do mundo antigo, isso demonstra seu conhecimento sobre esse período da história, despertando nosso interesse sobre uma possível relação entre os papéis femininos atribuídos às atenienses do século V a. C e as porto-alegrenses do século XIX durante os festejos carnavalescos.

Na Grécia Antiga, o termo *hetairai* era utilizado para designar as mulheres que acompanhavam os homens no espaço público. Segundo Ullmann, “eram mulheres de alguma cultura e não raras provindas do estrangeiro. Participavam em pé de igualdade nas conversações com os homens que eventualmente se valiam delas para satisfação sexual” (ULLMANN, 2005:64). Essas mulheres podiam participar dos simpósios<sup>4</sup>, festividades das quais as mulheres casadas não podiam. Enquanto esposas, se restringiam apenas ao espaço do gineceu.

Por esse motivo enxergamos na ex-marquesa um comportamento condizente ao de uma *hetaira*, pois essa, vinda de fora e no espaço público entredou aos olhos de todos, participando em pé de igualdade com os homens da festividade. A ex-marquesa, contudo, era uma mulher casada, diferenciando-se das *hetairai* atenienses, apesar de ter sido atacada pelo articulista no que se refere à sua moral.

Diferentemente das *hetairai*, as esposas atenienses abastadas e bem-nascidas tinham um padrão a seguir, o modelo mélixa. Isso consistia em permanecer reclusa no interior de sua casa, cuidando dos filhos e dos bens da família. Especializavam-se em tecer, bordar e fiar. Deveriam ter um “tipo de vida puro e casto, ou seja vida sexual bastante discreta, hostilidade aos odores, à sedução e a fidelidade conjugal”(RAMOS, 2002:1).

Fábio de Souza Lessa, entretanto, contesta essa idéia de que a atuação feminina fora do *oikos* era algo exclusivo das *hetairai* e dos homens. Para ele há uma permeabilidade mútua entre os espaços, exterior/interior.

Maria Angélica de Souza afirma que “as esposas abastadas utilizavam táticas com o intuito de diluir as margens desse modelo e assim subvertiam a dominação masculina alcançando dessa forma certa autonomia” (SOUZA, 2002:1). A autora completa ainda que as “esposas abastadas atenienses do período clássico transgrediam ao modelo idealizado pela sociedade ateniense não o rompendo por completo” (SOUZA, 2002:1) mas criando um lugar social para elas.

Na obra *Oréstia*, Ésquilo apresenta a personagem Clitemnestra como uma transgressora do modelo melissa. Segundo Severina Ramos dessa maneira ele

---

<sup>4</sup> Reuniões para filosofar e beber em conjunto.

*apresenta e discute as falhas do pretensão 'modelo ideal' de comportamento feminino, mostrando de maneira oposta do pretendido a postura das mulheres dentro desta sociedade, levando-nos a crer que a confirmação de mulheres alheias ao processo político, econômico, religioso e social estava longe de ser presenciado no cotidiano (RAMOS, 2002:8).*

Nesse sentido, é que Lessa argüi que se deve fazer uma distinção entre ideais culturais e práticas sociais. O confinamento das esposas no gineceu é, portanto, “mais um ideal cultural de seus maridos do que propriamente uma prática” (LESSA, 2001:106).

Dessa forma, passamos a visualizar o comportamento da ex-marquesa não mais como o de uma *hetairai*, mas sim como o de uma esposa bem-nascida, uma méliça que rompeu com essa fronteiras interior/exterior, transgredindo os idéias culturais destinados às mulheres do Rio Grande.

Mas terá a atitude dessa méliça influenciado as filhas da província? Se foi por causa de seu exemplo ou não, não sabemos. O fato é que na década de 1870 as pessoas voltaram a se entregar a prática do entrudo. Moças e rapazes passaram novamente a brincar com os limões, mas também com “baldes, bacias, farinha e o que mais viesse à mão que pudesse molhar e sujar o adversário, provocando risadas, furor, galanteios, conquistas, desentendimentos, inimizades, brigas, prisões”(LAZZARI, 2001:70).

A brincadeira só irá enfraquecer com a introdução das sociedades carnavalescas, em 1874. Entretanto ela logo reaparecerá pelos cantos de Porto Alegre, causando a fúria dos cronistas e da elite local.

Vimos, portanto, através do excerto, os ideais culturais que estavam sendo construídos para as mulheres no que se refere à sua participação no carnaval de Porto Alegre. Esses ideais, entretanto, nem sempre condiziam com as práticas sociais. A ex-marquesa, por exemplo, não encaixou-se nesse modelo, rompendo-o e ocupando outros lugares – que não eram destinados a ela – e, provavelmente, influenciando outras mulheres a também fazê-lo.

### **Referências Bibliográficas:**

- FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval pôrto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1970.
- FLORES, Moacyr. *Do entrudo ao carnaval*. In: **Estudos Ibero-Americanos**, XXII (1) – junho, 1999.
- LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas: Editora da Unicamp/Cecult, 2001.

- LESSA, Fábio de Souza. *Mulheres de Atenas. Melissa do Gineceu à Agora*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga/ IFCH da UFRJ, 2001.
- MAUCH, Cláudia. *Saneamento moral em Porto Alegre na década de 1890*. In: MAUCH [et. al.]. **Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade**. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.
- RAMOS, Severina Oliveira. *Teatro e o feminino na Atenas Clássica*. In: **Gaia – Revista Eletrônica de História Antiga**, 2001. Disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/~gaia/m%20m.htm>, acessado em 27/05/2007.
- SOUZA, Maria Angélica Rodrigues. *Melissa: gerenciamento, complementaridade e transgressão na Atenas Clássica*. In: **Gaia – Revista Eletrônica de História Antiga**, 2002. Disponível em <http://www.ifcs.ufrj.br/~gaia/m%20m.htm>, acessado em 27/05/2007.
- ULLMANN, Reinhold. *Amor e Sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.